

## Editorial

A FÉ TEM  
LIMITES

No último dia 21, comemorou-se o Dia Nacional de Combate à Intolerância Religiosa. Em Belo Horizonte, foi lançado um manifesto pelo reconhecimento e pelo respeito à diversidade de religião e à opção por nenhuma fé e pela defesa do Estado laico.

O dia foi instituído por lei em 2007. Rememora a data do falecimento da ialorixá Mãe Gilda, praticante de religião de matriz africana, cuja casa em Salvador, na Bahia, foi atacada depois que um jornal evangélico acusou-a de charlatanismo.

Esse fato aconteceu em 2000, apesar de a Constituição de 1988 inscrever que “é inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida a proteção aos locais de culto e suas liturgias”.

O Estado brasileiro se preparou para acolher as denúncias de intolerância religiosa e similares, instituindo órgãos de defesa dos direitos humanos, mas essas aumentam ano a ano. Em 2011, foram 15 denúncias. Em 2016, seu número chegou a 556.

Intolerância religiosa é um crime de ódio que atinge o íntimo do ser humano, ferindo sua dignidade e liberdade. O problema é antigo no Brasil. Um dos registros mais remotos foi o ataque a um terreiro em Alagoas, em 1912, por republicanos católicos.

Mais recentemente, em 1995, foi televisionado um pastor chutando uma imagem de Nossa Senhora Aparecida durante um culto. Outro caso foi o do apresentador Luiz Datena, que afirmou que ateus não têm limites e por isso “a gente vê esses crimes por aí”.

No Brasil, praticantes de religiões de matriz africana sempre foram grandes vítimas. Mas judeus e espíritas também sofreram discriminação. Hoje, é a vez dos islâmicos. O fanatismo e a ignorância alimentam o crime de ódio, que deve ser contido pela lei.

Entretanto, a tolerância, por si só, não é suficiente para promover a convivência com a diferença. É preciso mudar a tolerância para a aceitação da diversidade, seja religiosa ou qualquer outra.

## SEMPRE EDITORA LTDA

**FUNDADOR** Vittorio Mediolli  
**PRESIDENTE** Laura Mediolli  
**VICE-PRESIDENTE** Marina Mediolli  
**DIRETOR EXECUTIVO** Heron Guimarães

**GERENTE COMERCIAL**  
Alessandra Soares

**GERENTE DE TECNOLOGIA**  
Fábio A. Santos

**GERENTE INDUSTRIAL**  
Guilherme Reis

**GERENTE ADMINISTRATIVO E FINANCEIRO**  
Walmir Prado

**GERENTE DE MARKETING**  
Monique Araki

**GERENTE DE CIRCULAÇÃO**  
Isabel Santos

**EDITORA EXECUTIVA**  
Lúcia Castro

**SECRETÁRIA DE REDAÇÃO**  
Michele Borges da Costa

**ADJUNTO DA SECRETARIA DE REDAÇÃO**  
Murilo Rocha

**CHEFE DE REPORTAGEM**  
Renata Nunes

**EDITORES**

Opinião: Victor de Almeida  
Economia: Karlon Aredes  
Magazine: Milton Luiz (interino)  
Brasil/Mundo/Interessa: Aline Reskalla  
Política: Ricardo Corrêa  
Esportes: Denner Taylor  
Cidades: Marina Schettini  
Primeira: Frederico Duboc  
Fotografia: Rejane Araújo

## O.PINIÃO

PREÇO DO COMBUSTÍVEL

Duke

E LÁ SE VÃO  
A PRESTAÇÃO  
DA CASA, O  
SACOLÃO E  
AS COMPRAS  
DO MÊS...



FÁTIMA OLIVEIRA

Médica

fatimaoliveira@ig.com.br

O peso do patriarcado nosso de  
cada dia, dia após dia...

Trump desferirá ataque brutal nos direitos sexuais e reprodutivos

Em tempos de papa “morde e asopra” – sataniza a teoria de gênero e exorta aos homens que ouçam as mulheres – e da misoginia de Donald Trump entronizada na Casa Branca, dá arrepio pensar. Eu vivi os tempos Bush, pai e filho, e Regan. Sei do que falo e do que temo. É quase um desalento.

No horizonte, uma disputa ideológica titânica pertinente às questões de saúde pública – o primeiro ato de Trump foi contra o Obamacare (2010), que garantiu seguro de saúde para milhões de americanos. Trump, em ordem executiva, reduziu a “carga financeira” e regulatória do sistema antes de derrogar a lei e substituí-la.

Trump desferirá ataque brutal aos direitos sexuais e aos direitos reprodutivos. De certeza contará com o apoio irrestrito da Santa Sé e do Vaticano! A conjuntura é de somatória de fundamentalismos, lançando tentáculos de modo danoso e singular sobre quem vivencia situações de vulnerabilidade, a exemplo das opressões de gênero, racial/étnica e de classe. Do site da Casa Branca foram eliminadas as páginas sobre direitos LGBT e civis e mudanças climáticas.

Ponto que ele tem o compromisso com o movimento Tea Party – ultraconservador e ultradireitista, um braço do Partido Republicano – de restabelecer, via ação executiva, a lei ou regra da mordada, ou Regra da Obstrução Global, conhecida como Global Gag Rule, criada por Ronald Regan (1981-1989). Foi rechaçada por Bill Clinton (1993-2000) e restaurada por Bush Filho (2001-2008). Conforme a Global Gag Rule, as organizações estrangeiras que recebem fundos norte-americanos, pú-

blicos ou privados, para planejamento familiar, saúde sexual e saúde reprodutiva estão proibidas de falar sobre aborto.

No primeiro dia do governo de George W. Bush, o primeiro ato foi legislar sobre os corpos das mulheres do mundo inteiro, reeditando, como uma religião a ser seguida, a maldita Global Gag Rule e, ao mesmo tempo, estimulando, com muito apoio financeiro, a abstinência sexual – promessa de se manter virgem até o dia do casamento. Todos os governos do mundo disseram “amém”.

Pesquisas do governo norte-americano

O patriarcado prospera sob o fundamentalismo e estimula visões de mundo puritanas e teocráticas. O papel das mulheres é se insurgir contra as trevas!

no sobre a cruzada pela preservação da virgindade – levada a cabo por grupos cristãos e por George W. Bush – concluíram que não foi reduzido o contágio de Doenças Sexualmente Transmissíveis (DSTs), pois a maioria dos adolescentes que se comprometeram a abster-se sexualmente antes do casamento mandou o compromisso às favas. Registrou-se taxa igual de transmissão de DSTs dos demais pesquisados: 12 mil adolescentes, entre 12 e 18 anos, foram acompanhados por oito anos, dos quais 88% dos que prometeram castidade tiveram relações sexuais antes do casamento.

Conforme Peter Bearman, sociólogo da Universidade de Columbia e condutor

da pesquisa mesmo entre quem manteve o compromisso de abstinência ou prorrogou a idade de sua primeira experiência, poucos usavam métodos anticoncepcionais, correndo, por isso, o mesmo risco de contágio por DSTs ou de gravidez! Para ele, “o movimento a favor de uma educação sexual baseada na abstinência induz não apostar em campanhas de informação sobre o sexo seguro, o que se torna contraproducente”.

O patriarcado prospera sob o manto do fundamentalismo e estimula visões de mundo puritanas e teocráticas. O papel das mulheres é se insurgir contra as trevas! (como expliquei em “A cruzada do papa Francisco de satanização da teoria de gênero”, de 25.10.2016). As norte-americanas, com apoio do feminismo mundial, sabem que consolidar o Estado laico é a exata contraposição ao fundamentalismo religioso, portanto marcharam contra o fortalecimento das ideias patriarcais.

DUKE

